

A Pintura de Luiz Zerbini

(foi publicado em revista colombiana, mas perdi as referências bibliográficas)

30/06/93

A arte de Luiz Zerbini é produto de dois impulsos aparentemente contraditórios. O primeiro impulso, comum a maioria dos pintores de sua geração - dos neo-expressionistas aos neo-minimalistas, busca a reapropriação de imagens "pré-fabricadas" (por outros pintores, por fotógrafos, por redes de televisão etc.) colocando-as em novo contexto pictórico. O segundo impulso, mais raro no panorama artístico atual, é produto de uma vontade todo-poderosa de ver cada coisa como se fosse a primeira vez, sendo cada quadro o resultado desse processo contínuo de estranhamento/acolhimento da realidade.

Os dois impulsos poderiam dar origem a uma arte esquizofrênica. De um lado, estaria a procura, tantas vezes criticada como ingênua, de um "contato imediato" com o real; do outro, a constatação da impossibilidade dessa imediaticidade e o retrabalhar, justamente, com qualquer mediação, tornando explícita sua condição mediadora. Nada contra a "esquizo-arte", mas esse rótulo não tem nenhum poder explicativo no caso de Luiz Zerbini. Seu trabalho pode ser pensado, com maior "rentabilidade" crítica, como a tentativa desesperada (mas sem qualquer dramaticidade) de conciliar os dois impulsos inconciliáveis, inventando uma espécie de utopia tropicalista ou atingindo aquilo que Nietzsche um dia apelidou de "segunda ingenuidade", a única ingenuidade possível quando se é resolutamente e inevitavelmente moderno.

Luiz Zerbini utiliza várias estratégias para atingir esses objetivos artísticos/utópicos. Uma de suas táticas mais evidentes é dar um tratamento igualitário à imagem "pré-fabricada" (aquela que já é cópia de outras imagens) e a imagem que antes da modernidade poderia ser classificada como de "primeiro-grau" (principalmente as paisagens). Mais do que isso: esse tratamento não quer ser neutro: pintar seria uma maneira de aprovar a imagem, mesmo a cópia mais banal, mesmo a ilusão mais ingênua de perspectiva. Nesse sentido, Luiz Zerbini se mostra antes de tudo como um pintor mais-do-que-pop, um pintor que ao mesmo tempo diz sim ao mundo da "reprodução mecânica" e ao mundo "natural", ao mundo "com aura" e ao mundo "sem aura". Tudo passa a conviver, através de uma harmonia que não esconde sua artificialidade, no mesmo quadro.

A história da pintura de Luiz Zerbini é um movimento não-linear entre esses extremos. Das paisagens "urbanas" ao "barroquismo" das caravelas portuguesas (e do casario baiano servindo como pano de fundo para a passagem de um trio-elétrico MacDonal'd's), passando por aquarelas-naturezas-mortas gigantescas que destacavam e amplificavam elementos que podiam estar em outras de suas pinturas: todos esses quadros podem ser analisados como colagens (característica que o trabalho Brasil-Colônia vem enfatizar, iluminando retroativamente a pintura de Luiz Zerbini, daí sua importância e talvez surpresa para alguns observadores inatentos) de imagens díspares ("copiadas" ou "autênticas"). Uma colagem especial, que tomando como já consolidada a subversão pós-cubista, pode experimentar caminhos mais ousados/"cordiais" como a fusão não-declarada de estilos e a mestiçagem anti-separatista de um sampler de imagens.

Mais importante que esse procedimento (e seu maior ou menor grau de explicitação) é uma espécie de nominalismo, que Gilberto Freyre já disse ser a característica mais marcante da arte latino-americana, que o torna possível e pop. Um nominalismo que é exercitado não apenas diante das "coisas do mundo" mas agora também diante das "cópias das coisas do mundo". Um nominalismo que não esconde suas conexões com uma atitude de devoção religiosa diante de qualquer imagem. Cada imagem como única (apesar de reproduzível ou já "desgatada" pela reprodução): por isso

mesmo capaz de maravilhar olhos já acostumados com um mundo pós-natural, não mais o mundo que maravilhava Ramon Lullio. Um mundo do contraste, da "saturação das imagens", do "overload" de informações: Luiz Zerbini mostra que esse é um belo (mesmo descrente da Beleza) mundo. É simples: a arte de Luiz Zerbini é tão saturadamente barroca que chega a ser zen.